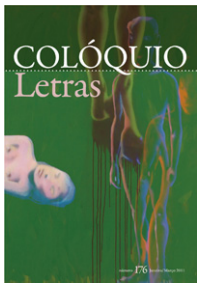

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'Os Dias e os Anos. Diário 1970-1993', de Marcello Duarte Mathias]

Ana Paula Coutinho Mendes

Para citar este documento / To cite this document:

Ana Paula Coutinho Mendes, "[Recensão crítica a 'Os Dias e os Anos. Diário 1970-1993', de Marcello Duarte Mathias]", *Colóquio/Letras*, n.º 176, Jan. 2011, p. 248-252.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

na figura do desencanto, negando-se ao desejo de Dalboekerk. Ele exprime o desenraizamento de alguém que não é nem indonésio nem timorense. Nega-se a cumprir o seu destino, ao tomar consciência dos massacres indonésios. Nega-se a ser o instrumento de um poder do qual ele desconhece o movimento íntimo. O diálogo final entre Dalboekerk e Alor (p. 294-6) resume a morte da esperança em Alor. Diz-lhe Dalboekerk: «Convido-te a cumprir a tua História: Alor, rei de Timor». Ao que o jovem responde: «A História, o senhor roubou-ma: eu sou dois berços e, em ambos, dorme o bebé do inimigo. Não preciso carregar mais um enteado. Os dois que trago já me pesam.»

O preço dessa promiscuidade étnica — que se converte numa promiscuidade ontológica — será terrível. Só o sacrifício redime o caos e impõe novamente a harmonia. A morte de Alor é o desfecho natural num mundo em que as leis do cosmos não são as físicas, meramente, mas onde o equilíbrio só pode ser mantido se os deuses forem pacificados. A história, aqui, não é nunca apenas a história dos factos, mas cruza-se com a história dos deuses, numa lógica mítica. Em plena euforia do referendo, os sultões de Jacarta convocam a mitologia javanesa e lançam a operação em *Tim-Tim*. O nome de código dessa operação é Sapujagat, «O Varredor do Mundo», e Alor desaparece no caos, para aparecer, em seu lugar, uma cabeça cortada. A Noruega envia o seu melhor bispo à diocese de «Lorium Lorosa'e» e o livro de Pedro Rosa Mendes pretende ser a reunião rigorosa dos autos da missão desse inquérito.

Como dizia Alor a Dalboekerk, «o meu reino não é deste mundo. Não é uma casa de Embote. Quero um palácio na capital do Quinto Império, como os Portugueses». A sua aspiração é outra, é o desejo de manter a esperança, mesmo para lá da morte. À pergunta de Dalboekerk, sobre de que palácio falaria Alor, exprimindo um pragmatismo desencantado, responde Alor: «O meu lugar certo no cosmos.» O lugar certo para repor a verdade ontológica, o lugar certo para devolver a Timor o que a política não pode devolver-lhe: a esperança no mito. Por isso, o Matebian é o lugar-primeiro de Timor e também o seu lugar último: onde se guarda a memória dos mortos que a história esqueceu e os deuses lembram. Daí o nome massacai para o Matebian: a «casa dos mortos». A língua nomeia, assim, e salva, também, os vencidos da história, aqueles que pereceram em nome das injustiças contínuas e continuadas do tempo. Apenas uma compreensão mítica, ritualizada (e reactualizada no presente) do tempo e da história permite a inteligibilidade da mesma, arrancando os acontecimentos à crueldade de uma irreversível despedida. Rosa Mendes compreendeu admiravelmente esse paradoxo.

Maria João Cantinho

DIÁRIO

Marcello Duarte Mathias
OS DIAS E OS ANOS
DIÁRIO 1970-1993
Lisboa, Publicações Dom Quixote / 2010

Marcello Duarte Mathias vem redigindo, há quase cinquenta anos, um Diário para o qual foi respigar a Guimarães Rosa uma paradoxal, mas a todos os títulos feliz, fórmula, que dá mote à confluência consonante da vida e da escrita: *No devagar depressa dos Tempos*. A despeito desse signo gobal, os quatro volumes até à data publicados não apresentam todos o mesmo título de capa. Dois deles surgem identificados por uma referência espacial directamente associada a duas das missões

diplomáticas do autor (*Diário da Índia* e *Diário de Paris*), enquanto aquele que veio a lume no ano de 2010, *Os Dias e os Anos*, retoma, absolutizadas, unidades de contagem do fluxo temporal que qualquer diário (per)segue, para, de algum modo, as cristalizar. Mas, se a escrita diarística fica naturalmente organizada pela ordem do calendário, já a sua publicação pode inflectir essa sequência, como aliás acontece com *Os Dias e os Anos*, volume que remete para o período de 1970-1993 e que surge agora, depois dos volumes III e IV, que por sua vez reportavam a cronologias posteriores.

Para os leitores habituais de Marcello Duarte Mathias não deixava de ser um «mistério» a razão pela qual os anos 70, 80 e início da década de 90 permaneciam inéditos ou haviam sido silenciados por este diarista confesso, ainda que não completamente submisso à célebre imposição *nulla dies sine linea*, por alegada falta de disciplina... Afinal, essa ausência dever-se-ia tão-só a arrumações acumuladas pelo tempo e forçadas pelas circunstâncias de quem tem vivido, disperso, em várias casas e vários países. Sabia-se contudo, desde o *Diário de Paris*, que o autor havia encontrado, um pouco por acaso, ficheiros antigos e que andava às voltas com os seus escritos daquela época. Tendo começado a relê-los, entregara-se ao trabalho de rasurar e censurar (sobretudo) nomes, com o intuito de extrair o essencial ou as referências mais significativas e perenes daquilo que se tornara irremediavelmente datado ou excrescente. Marcello Duarte Mathias aproveitou, inclusive, essa passagem do *Diário de Paris* em que reflecte sobre o trabalho de releitura que sempre supõe a publicação de um diário, para a incluir a «modos de prefácio» na abertura de *Os Dias e os Anos*.

Assim, e em rigor, este volume II de *No devagar depressa dos Tempos* representa não apenas o Diário de Marcello Duarte Mathias entre os anos 70 e início dos anos 90, mas também a sua revisão, levada a cabo pelo próprio autor passadas já várias décadas; uma revisão subjacente, mas que outras vezes se torna visível mediante algumas notas de rodapé que o autor acrescentou e expressamente datou de 2010. Poder-se-á então dizer que existiu aqui um processo hipertextual que, de algum modo, transformou os fragmentos diarísticos numa leitura/escrita modular de Memórias, ainda que não narrativizadas como tal, tanto mais que se mantiveram as entradas de Diário formuladas de acordo com a espontaneidade de um presente que aproxima tanto o autor como os leitores de uma data precisa do passado. É verdade que de todo esse processo implícito de releitura ou revisão, apenas temos acesso ao resultado final do diarista enquanto leitor de si mesmo, mas não nos custará a acreditar naqueles que são os limites dessa reescrita apresentados pelo próprio Marcello Duarte Mathias. Com efeito, sob pena de empobrecimento e/ou de falsidade, o autor não pode alterar completamente o que foi escrevendo ao longo dos dias e dos anos, já que aí se encontra plasmada uma determinada verdade inalienável; o percurso de uma personalidade que se reconhece única, justamente pelos traços construídos por «emoção íntima e desordenada» ao longo dos tempos.

Por isso mesmo, embora os diários de Marcello Duarte Mathias possam ser lidos e desfrutados isoladamente, é a sua leitura conjunta que verdadeiramente nos dá acesso à unidade desse «tema maravilhosamente vão, diverso e instável» que é o homem, como dizia Montaigne, e que encontramos aqui actualizado na «ficção pessoalíssima» (p. 166) de um português manifestamente culto, francófilo assumido e muito viajado, que se foi ensaiando no confronto com lugares e pessoas da Histó-

ria (europeia, mas não só) da segunda metade do século XX e inícios do século XXI.

Tal como já acontecia com os anteriores volumes, *Os Dias e os Anos* «não é um diário diplomático, não é um diário literário, não é um diário íntimo, tão-pouco um diário do quotidiano» (p. 275), muito embora guarde marcas de qualquer desses subgéneros. A sua pontualidade fragmentária, a hibridez das suas notas e referências, à imagem da dispersão do eu do autor (p. 275), concorrem para um Livro que permanece sempre em processo, ou sempre em aberto, ao longo dos sucessivos volumes, Livro esse que não é mais nem menos que a autobiografia intelectual do autor, acompanhada do esboço de uma radiografia de um objecto colectivo e de traços porventura mais estáveis: Portugal e os portugueses.

Atendendo ao estatuto profissional e sociocultural de Marcello Duarte Mathias, poder-se-ia pensar que a sua escrita diarística funcionaria como um espaço de evasão, como o reverso introspectivo dos múltiplos afazeres e imposições sociais, como um abrigo de emoções, em suma. Mas, se existe efectivamente essa vertente de contraponto intimista nos seus Diários, nem por isso ela se confunde com qualquer assomo de indiscrições de ordem social ou psicológica, tão ao gosto dos hábitos voyeuristas potenciados pelas mais diferentes dinâmicas, ditas informativas, da sociedade actual.

Certamente por educação, e muito também pela própria experiência da vida diplomática e do seu ostracismo elegante (p. 17), este autor revela sempre um certo grau de distanciamento, uma distância física interiorizada (p. 52), «uma forma muito íntima de desprendimento» (p. 68), que fazem com que a intimidade que se deixa ler nas suas notas e reflexões diarísticas seja afinal «extima», para aqui utilizar o neologismo lacaniano que, jogando com o prefixo de exterioridade que se contrapõe ao íntimo, designa o encontro do exterior mais exterior com o mais íntimo interior. Não se trata, portanto, de revelar «intimidades» no sentido mais vulgar do termo, de ser sincero ou não sincero, autêntico ou não autêntico, mas de procurar uma verdade do eu que está aquém ou além da ordem da exposição confessional: «O que nos dói, mói e corrói, fica fora destas páginas. E delas não constará», escreve Marcello Duarte Mathias em páginas de Diário, publicadas em recente número desta revista (n.º 172, Set. 2009, p. 185).

Isso não quer contudo dizer que o autor de *Os Dias e os Anos* e dos restantes volumes diarísticos alguma vez se furte à tomada de posição, ao veicular de (fortes) convicções, à enunciação continuada do seu espírito de independência, feita ao arrepio de qualquer *mainstream* ou de quaisquer ditames gregários. Existe, pelo contrário, um orgulho manifesto no cultivar dessa liberdade pessoal: «Às vezes, dá-me o *amok* e sinto por mim uma imensa ternura por ser e me saber assim, cavaleiro andante de mim mesmo, turista de passagem, anónimo e diferente, tão anacronicamente outro» (p. 237).

Dado estarmos perante uma individualidade com grande sensibilidade a tudo o que o rodeia, desde uma qualquer paisagem trivial como a de «vendedoras de fruta e cestas com o peixe fresco», perto da doca de Ponta Delgada, nos Açores (p. 360), aos grandes acontecimentos históricos, nacionais e internacionais, passando pelo encontro ou convívio com outras pessoas, algumas delas também figuras públicas de relevo, ou por um quadro apreciado num Museu cujo cenário interioriza por exaltação estética ou ainda pelas páginas de outros autores, sobretudo daqueles que também edificaram uma obra em espírito de independência relativamente às

ideologias na moda e às chantagens da sua época, os leitores dos Diários de Marcello Duarte Mathias desfrutam do privilégio de acompanhar muito daquilo que de mais importante aconteceu num passado ainda relativamente recente, através da orientação e da refracção de uma personalidade que torna uma grande parte da História e do Mundo num cenário não só próximo como interpelador e até polémico.

Não sendo um diário diplomático, como atrás foi sublinhado, nem por isso o universo da vida diplomática deixa de ser particularmente importante na escrita de Marcello Duarte Mathias, não apenas pela extraordinária mobilidade e pelos diversos contactos e experiências que potencia, como também por uma certa postura existencial e por uma mundividência que aquele desenvolve e que poderemos reconhecer nas palavras que o próprio Marcello Duarte Mathias dedica a um seu colega de profissão: «O interesse pessoal e o empenho profissional devidamente doseados pela ironia e o distanciamento» (p. 338).

Enquanto diplomata e cosmopolita, o autor de *Os Dias e os Anos* demarca-se quer da tacanhez de hábitos de toda uma nova classe política europeia que na década de 80 começou a proliferar (p. 349), quer da hibridez completamente desenraizada de muitos diplomatas, «íntimos de ninguém», «alheios em terra alheia, intrusos em casa própria» (p. 339), que, de algum modo, confirmam também aquela Europa que nos anos 70 os políticos andavam a idealizar como «Comunidade Europeia» e em relação à qual, já então, Marcello Duarte Mathias manifestava sérias reservas: «nunca me senti tão alheio, tão visceralmente diferente e português como aqui em Bruxelas perante estes contabilistas do Berlaymont que sonham com uma Europa asseptizada, à sua imagem e semelhança, desenraizada de tudo e de si mesma» (p. 113).

O «Lembrar de Raízes» (que deu, aliás, título a um seu livro de 1988) tem-se revelado fundamental para este autor que, tendo vivido grande parte da sua vida no estrangeiro, sabe que qualquer português que emigra jamais se ausenta de Portugal (p. 167). Por isso mesmo, ou mesmo à distância, Portugal e o ser português continuam a ser um grande horizonte de referência das suas observações e reflexões, sendo nesse domínio também que emerge, por excelência, a argúcia do seu pensamento aplicado sob a forma de lances aforísticos como «A neura é a metafísica dos portugueses» (p. 403), «Somos uma nação psicologicamente desempregada» (p. 116), «Somos, pois, uma nação de temperados» (p. 92). Concorde-se ou não com o teor destas ou de outras fórmulas de mitificação da identidade colectiva de uma nação, a verdade é que reside nelas todo um potencial criativo de pensamento intrinsecamente multiplicador, à espera de interagir com outras visões, consonantes ou dissonantes, de um referencial comum.

Sabemos como são simultaneamente tentadoras e arriscadas as generalizações. E existe pelo menos uma, imputada por Marcello Duarte Mathias, com toda a graça e alguma razão certamente, à «inteligência portuguesa» de que ele próprio se revela uma excepção. Refiro-me à alegada falta de sentido de humor e ainda mais precisamente à falta de espírito de síntese que o autor detecta nas mais variadas situações. Ora, um dos principais méritos de *Os Dias e os Anos*, como dos seus outros volumes de Diários, que se converte em inegável prazer de leitura, é justamente o poder de concentração de uma escrita que, estando sujeita à fragmentação das sucessivas entradas e das mais distintas interpelações, não deixa de tocar em pontos completamente nevrálgicos de cada um dos acontecimentos ou pensamentos para que remete.

Numa das entradas de diário publicadas recentemente nesta revista, Marcello Duarte Mathias sintetizava de forma lapidar toda uma arte e ética de escrita, ao apontar: «Saber escrever: ser-se simples sem ser pobre. / Aliar no mesmo movimento lucidez e emoção. Aclarar e aprofundar. / Procurar o ponto de equilíbrio. E mantê-lo». Julgo que será difícil encontrar uma melhor caracterização para aquilo que fica concretizado na escrita diarística deste autor, para quem «Também escrever é uma arte de viver» (*ibid.*).

Aos leitores de *Os Dias e os Anos*, resta-lhes entrar no convívio dessa arte espraiada no devagar depressa de (outros) tempos, como quem (re)descobre não apenas a História das últimas décadas do século XX, mas também o prazer de outros e ponderados tempos/ritmos de escrita, em que os fragmentos da vida não se esgotavam em abreviados instantâneos colocados à disposição imediata da blogosfera ou das redes sociais...

Ana Paula Coutinho Mendes

EPISTOLOGRAFIA

CORRESPONDÊNCIA

Volume I

CARTAS A ALBERTO SAMPAIO
Organização, introdução e notas de Emília Nóvoa Faria e António Martins
Porto, Campo das Letras / 2008

Volume II

CARTAS DE ALBERTO SAMPAIO
Organização, introdução e notas de Emília Nóvoa Faria e António Martins
Ribeirão, Edições Húmus / 2009

Alberto da Cunha Sampaio (Guimarães, 1841 — Quinta de Boamense, Cabeçudos, Vila Nova de Famalicão, 1908) frequenta Coimbra num quinquénio de florescência literária na Imprensa escrita: entre 1858 e 1863, pôde conhecer *Preludios-Litterarios*, *O Atheneu*, *O Academico*, *Estreia Litteraria*, *O Phosphoro*, *Hymnos e Flores*, *A Chrysalida*, *O Attila*. É n'*O Phosphoro*, em que colabora com nove textos (1860-1861; n'*O Academico*, dá três artigos em Março-Maio de 1860), que se reúne a *sua* Academia: a par de Antero de Quental, amigo íntimo que borboleteia por algumas destas publicações, vamos encontrar Germano Vieira de Meireles, Alberto Teles, João de Deus, Santos Valente e António de Azevedo Castelo Branco, sobrinho de Camilo. Em Lisboa, a *Gazeta de Portugal* está disposta a acolher diplomados de Coimbra; e, assim, pela mais antiga carta desta *Correspondência*, de Maio de 1864, dirigida ao irmão mais velho e colega de curso, o advogado José da Cunha Sampaio (1841-1899), percebemos o nervosismo de quem se disfarça sob o pseudónimo Ruy Brás e sairá um Ruy Blas ausente dos dicionários de pseudónimos, assinando cinco folhetins sob o genérico «Ao acaso», de 18 de Junho a 2 de Outubro. Prepara, entretanto, romance para *O Século XIX*, de Germano Vieira de Meireles; lá virão, entre 13 de Julho de 1864 e 4 de Fevereiro de 1865, as narrativas breves *Augusta* e *Conversando* — quer Joaquim de Araújo reeditar esta n'*A Renascença* (1878; II, p. 11) —, mas cedo põe de lado o que ainda julgava ser a «fatalidade» (II, p. 462) da literatura, não imune a versos de álbum, como prova soneto de 1864 reproduzido em Barroso da Fonte, *O Pensamento e a Obra de Alberto Sampaio* (1998, p. 148).

Com o Direito também posto de lado, o agricultor poliglota — há uma carta em francês (I, p. 19), e Camilo admirava-se de ele ler alemão, latim, grego, além de inglês, em que lhe será útil — faz-se investigador vário: com Guilherme de Vasconcelos Abreu e Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, aprova as Bases da Ortografia Nacio-